

**“MANUAL DE LINGUÍSTICA”: HOMONÍMIA OU
POLISSEMIA NA HISTÓRIA?**

**(“Manual de linguística”: homonymous or
polysemy in the history?)**

Ronaldo de Oliveira BATISTA
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: *A partir de princípios teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística (com utilização de categorias como programas de investigação, grupos de especialidade e argumento da influência), apresenta-se uma análise de dois momentos da produção brasileira em linguística, tomando como objeto dois manuais publicados com o mesmo título (Manual de Linguística) em 1979 e 2009. O artigo procura apontar continuidades (vistas como fenômeno polissêmico) e descontinuidades (vistas como fenômeno homônimo) na validação de saberes em um intervalo de trinta anos de estudos e ensino de linguística no Brasil, verificando em que medida há semelhanças ou distinções entre dois livros que se apresentaram com a mesma designação. Em consequência das análises, o texto evidencia que a interpretação historiográfica pode ser resultante do ponto de vista adotado pelo historiógrafo.*

Palavras-chave: *Historiografia Linguística, Programas de Investigação, Grupos de Especialidade, Argumento da Influência.*

Abstract: *From theoretical and methodological principles of the Historiography of Linguistics (with the use of categories such as research programs, theory groups and the argument of influence), this paper presents an analysis of two moments of Brazilian production in linguistics, taking as its object, two handbooks published with the same title (Manual de linguística) in 1979 and 2009. The article tries to point out continuities (seen as polysemic phenomenon) and discontinuities (seen as a homonymic phenomenon) in the validation of knowledge in an interval of thirty years of study and teaching of linguistics in Brazil, checking to what extent there are similarities and contrasts between the two books with the same name. As a result of the analysis, the text shows that the historiographic interpretation might result from the viewpoint adopted by the historiographer.*

Key-words: *Linguistic Historiography, Research Programs, Theory Groups, Argument of Influence.*

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta, logo em seu início, uma pequena provocação, no sentido de que desloca de seus domínios habituais de circulação dois termos presentes na tradição de estudos da semântica lexical: *homonímia* e *polissemia*. O deslocamento desestabiliza sentidos já cristalizados e os coloca em outra esfera de reflexão: a que pertence aos domínios da Historiografia da Linguística. Dessa forma, o que se pretende neste trabalho é apresentar uma avaliação da produção linguística brasileira a partir de uma análise de dois manuais de introdução à linguística publicados em recortes temporais distintos. Os objetos de análise são o *Manual de linguística*, organizado por Cidmar Teodoro Pais (1940-2009) e Monica Rector, publicado em 1979 pela Editora Vozes, e o *Manual de linguística*, organizado por Mário Eduardo Martelotta (1958-2011), publicado em 2009 pela Editora Contexto¹. Procurando situar essas publicações como consequência dos esforços de comunidades de pesquisadores, com atuações específicas em seu tempo, utilizam-se categorias de análise da Historiografia da Linguística, como **retórica**, **grupos de especialidade**, **argumento da influência**, **programas de investigação**, na tentativa de delinear uma visão do que se considerou como conhecimento válido nas décadas de 1970 e 2000 no pensamento linguístico. Em um primeiro momento, define-se o quadro teórico do trabalho e explana-se em que sentido são empregados os termos *homonímia* e *polissemia*, em seguida aponta-se de que forma o manual atua na institucionalização de um corpo de conhecimento científico, para, na sequência, estabelecer uma análise da presença das obras na linguística brasileira. A conclusão busca uma análise interpretativa das formas de desenvolvimento do conhecimento linguístico no Brasil, a partir das análises do *corpus* definido.

1. HISTÓRIA & HISTORIOGRAFIA, HOMONÍMIA & POLISSEMIA

1.1. A Historiografia da Linguística: dimensões interna e externa

A Historiografia da Linguística (HL) pode ser definida como uma área dos estudos linguísticos que coloca como objeto de observação os

1. Essas datas, nos livros, são acompanhadas das datas do *copyright*, 1978 e 2008, respectivamente.

desenvolvimentos da História da Linguística². Nessa perspectiva, a HL define-se por dois eixos complementares, que determinam parâmetros internos e externos de observação, ou seja, enfoques internalista e externalista. Ao enfoque internalista interessa a reconstrução dos estudos sobre a linguagem a partir da análise da formulação e reformulação de conceitos teóricos e práticas de tratamento dos fenômenos linguísticos. Ao enfoque externalista interessa o aspecto social como parte do processo histórico de formação e desenvolvimento de uma ciência e suas práticas discursivas, revelando posicionamentos ideológicos, sociais e históricos, em torno do estabelecimento de retóricas (formas e tipos de discurso adotados) típicas de comunidades de pesquisadores. Em linhas gerais, costuma-se dizer que à historiografia interessa investigar, além das teorias, o contexto de formação e divulgação dessas teorias. Essa visão cindida em historiografias *content-oriented* e *context-oriented*, no entanto, anula-se no desenvolvimento da narrativa e observação historiográfica, pois na perspectiva proposta *interno* e *externo* estão relacionados, e, ainda que se possa privilegiar uma dessas dimensões, subentende-se que uma implica a outra.

1.2. O deslocamento dos termos *homonímia* e *polissemia*

Na formação do pensamento linguístico ocidental, a disputa clássica entre anomalistas e analogistas já colocava em jogo, entre outros temas, o fato de que formas linguísticas poderiam apresentar mais de um significado, como aponta Lyons (1979: 430) ao definir que “em princípio, a associação de dois ou mais significados a uma forma é suficiente para justificar o reconhecimento de duas ou mais palavras”, caracterizando, assim, o que se reconhece como o fenômeno da *homonímia* (palavras distintas, com origens diversas, que acabam por apresentar uma mesma forma). O caso exemplar na literatura semântica em língua portuguesa é o das palavras *manga*, “fruta”, e *manga*, “parte da camisa”. Reconhecida como fenômeno distinto, a *polissemia* aponta para significados relacionados entre si, que “não são vistos tradicionalmente como suficientemente diferentes para justificar o reconhe-

2. “História e historiografia da Linguística têm, pois, estatutos e dimensões diferentes. Principalmente não são co-extensivas. Suas relações são comparáveis àquelas existentes entre uma gramática descritiva e a língua que ela descreve [...]. Assim como a gramática não esgota (e nem pretende esgotar) a língua sob descrição em toda sua complexidade, o trabalho historiográfico também efetua um recorte.” (Altman 1998: 25)

cimento de palavras distintas” (Lyons 1979: 431). O emprego de *rede de luz* e *rede de contatos* pode exemplificar um caso polissêmico no português. Dessa forma é que a tradição dos estudos linguísticos e gramaticais caracterizou como diversos os fenômenos, ainda que “a distinção entre *homonímia* e *polissemia* [seja] indeterminada e arbitrária”, como lembra Lyons (1979: 431).

Neste trabalho, retiram-se os dois termos do seu domínio privilegiado de atuação e faz-se um deslocamento que situa a *homonímia* como formas distintas de atribuir sentidos a um conjunto de ideias, enquanto situa-se a *polissemia* como a presença de semelhança no tratamento de determinado corpo teórico-metodológico. Colocam-se, portanto, os dois termos a serviço de uma análise historiográfica, procurando analisar se o emprego de uma mesma forma - “manual de linguística” -, ao longo do desenvolvimento da linguística brasileira, correspondeu sempre a um mesmo sentido (referindo-se a semelhantes propostas teórico-metodológicas), ou, ao contrário, se a forma pode ser relacionada a presenças distintas de modos de tratamento da linguagem (havendo, então, uma ruptura na cadeia de significados atribuídos ao que se entende por ciência da linguagem). Sendo assim, a questão a ser respondida é se a expressão “manual de linguística” coloca-se como a representação do mesmo sentido expandido em outros sentidos relacionados (*polissemia*) ou se a expressão atua como representação do diferente, apenas semelhante numa sequência de sons e letras que leva a denotações diversas (*homonímia*).

2. GRUPOS DE ESPECIALIDADE E FORMAS DE ATUAÇÃO SOCIAL

2.1 *Os grupos de especialidade e suas retóricas*

Uma reconstrução historiográfica pode considerar fatores que possibilitaram a formação de um campo de pesquisa atuante em uma esfera social específica, as condições sociais e acadêmicas que permitiram o estabelecimento e a continuidade, ou não, de comunidades de pesquisa ou grupos de especialidade, e também a imagem projetada por esses pesquisadores dentro e fora de suas comunidades de interlocução, por meio de suas práticas científicas, intelectuais e discursivas.

Considerando esses aspectos, a HL propõe como focos de observação, entre outros, comunidades de pesquisadores que se encarregam de propor,

difundir e mesmo defender propostas teórico-metodológicas. Essas comunidades são reconhecidas como **grupos de especialidade** (*theory groups*, Murray 1994), organizados em torno de lideranças intelectuais e organizacionais, que promovem a formação, institucionalização e divulgação de saberes, constituindo formas típicas de discurso como atuação social na área científica, as **retóricas**, caracterizando as propostas dos grupos em torno de continuidades com saberes presentes em uma área ou em torno de descontinuidades, clamando por rupturas no conhecimento científico³. Assim, a suposta neutralidade do discurso científico coloca-se em meio a um posicionamento que se quer legítimo e ocupa seu lugar social, pois manifesta a presença de um espaço científico específico e demarcado, e a retórica, revolucionária ou continuísta, como se caracteriza pelos modos de dizer de determinado indivíduo ou grupo, delimita esses espaços discursivos, no sentido de que todo proferimento científico (enunciados que requerem atenção para um procedimento) impõe um contexto que o torna possível. “Um proferimento é intencional, em primeiro lugar, porque está associado a determinado contexto” (Dutra 2008: 62). Essas comunidades científicas e sua retórica articulam-se a **programas de investigação**, conjuntos de diretrizes teórico-metodológicas compartilhadas pelos pesquisadores, que definem problemas e formas de solução próprios e identificadores de modos semelhantes de atuação diante do objeto que consideram científico⁴.

2.2 O manual como gênero: esferas de atuação e de influência

A ação dos pesquisadores, em busca da legitimidade de seus esforços acadêmicos, coloca a produção científica em meio a uma série de processos sociais que materializam verdadeiros capitais de troca, determinando o que

3. “O termo *retórica* pode parecer fora de lugar aqui, pois sugere vagamente uma tentativa de se reforçar um argumento apelando-se para as emoções e não para o intelecto. Mas não há dúvida de que essa é a única palavra que podemos usar, já que banimos o termo ‘positivismo’ e questionamos o absolutismo da prova ‘científica’. Nela está implícita uma dose adequada de ceticismo e de dúvida com relação a qualquer descoberta científica reivindicada, sem que no entanto haja a sugestão de que a questão toda deva ser encarada como uma fraude.” (Ziman 1979: 47)

4. “A program is a complex cognitive system which makes possible some particular operations and results, while excluding other possibilities. One program can subsume several theories which, despite technical and terminological differences, have the same concept of how the object of the discipline must be investigated. Both object and method are defined intra-theoretically; but the unity of a program resides in the similar conception of how a certain method must ‘deal with’ the object of a particular discipline.” (Swiggers 1981: 12)

será reconhecido e o que será negado como conhecimento válido⁵. Sendo assim, a linguagem utilizada pelos linguistas e o dialeto técnico adotado (o vocabulário especializado), configurando a metalinguagem de um programa de investigação, colaboram para criar uma imagem de cientificidade. No entanto, nada disso tem valor se o grupo de especialidade não for capaz de divulgar de forma apropriada seus conhecimentos; e nesse ponto a escrita de manuais de introdução ao pensamento de um grupo é crucial para que novas gerações sejam “seduzidas” pela linguagem adotada por uma comunidade de pesquisadores. Portanto, o manual atua como forma de comunicação de resultados e cria uma literatura específica do grupo, do programa e da comunidade científica e educacional em geral (uma vez que atua na transmissão de conhecimentos).

No presente caso, serão analisados dois manuais didáticos de introdução às teorias e aos métodos da ciência da linguagem, o que permite observar que se está diante de um gênero discursivo específico, veiculado por meio de um suporte material e gráfico, o livro. O gênero manual didático apresenta algumas particularidades, sobretudo porque ele é uma forma de ação social, elaborada por uma cultura específica, tendo em vista a comunicação e interação entre indivíduos com propósitos delimitados, direcionadores do contato entre gênero e seus usuários. Parte de um domínio discursivo mais amplo, o instrucional (Marcuschi 2008: 194), do campo científico e educacional, os dois manuais são resultantes do trabalho de instituições específicas e veiculam, como gênero, formações discursivas que delineiam as formas de saber que cada autor dos textos que compõem os livros assumiu como válidas em um momento histórico. Naturalmente que a definição de manual como gênero é algo problemático, uma vez que o próprio livro contém diferentes gêneros, como texto explicativo, exercícios, tabelas, gravuras, índices, instruções, sumários etc; no entanto, assume-se aqui essa classificação para que se possa perceber, essencialmente, que o manual exerce uma função específica em um processo comunicativo caracterizado, mesmo

5. “Os campos são o lugar de duas formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico: de um lado, um poder que se pode chamar temporal (ou político), poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação etc., e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos etc.) e de reprodução (poder de nomear e de fazer as carreiras) que ela assegura. De outro, um poder específico, ‘prestígio’ pessoal que é mais ou menos independente do precedente, segundo os campos e as instituições, e que repousa quase exclusivamente sobre o reconhecimento, pouco ou mal objetivado e institucionalizado, do conjunto de pares ou de fração mais consagrada dentre eles.” (Bourdieu 2004: 35)

que o leitor não tenha consciência, por afirmações e negações de saberes, estabelecidos por meio das escolhas do que cada texto aborda, revelando influências e formas de continuidade ou ruptura com conjuntos específicos de conhecimentos científicos a respeito do que é a linguagem humana.

O manual também atua como veículo dos diálogos que o grupo pretende estabelecer com outras comunidades e outros pesquisadores. Ele permite, portanto, mapear o chamado **argumento da influência**⁶. Neste texto, a questão do argumento da influência será estabelecida levando em consideração que posicionamentos científicos são resultantes de um complexo direcionamento que coloca o autor de um trabalho situado num eixo permanente de influências advindas não só de seu processo de formação intelectual e pessoal (a partir de contatos estabelecidos), mas também daqueles resultantes do clima de opinião (contexto histórico, social, ideológico, político, cultural) concernente ao momento de produção de um trabalho que trata de aspectos e fenômenos linguísticos, sendo influências resultantes do contato com uma atmosfera intelectual específica, sem a necessidade de um debate travado exatamente entre pares⁷.

Como o manual, na visão aqui adotada, atua como expressão de uma comunidade de pesquisadores, ele, considerado elemento da divulgação de um programa de investigação que procura formas próprias de tratamento da linguagem, passa a funcionar como objeto discursivo com atuações delimitadas na troca comunicativa entre pesquisadores, professores, alunos. Nesse sentido, o livro de introdução a uma área estabelece, por si mesmo, o critério da cientificidade para um conjunto de conhecimentos, tendo como um de seus elementos a formação e divulgação de uma série de termos técnicos que configura a metalinguagem adotada pelo grupo. Essa linguagem especializada também é responsável pela imagem de cientificidade atribuída a correntes de pensamento divulgadas por meio do livro de

6. Dentre as categorias de análise da Historiografia da Linguística está a que propõe uma observação de diferentes tipos de diálogo estabelecidos no processo histórico, tendo em vista características da própria natureza social e cultural de cada época, promovendo transformações em pontos a partir dos quais se podem detectar influências, mais diretas ou mais indiretas.

7. Koerner (1989) discute criticamente a utilização do argumento da influência nas análises. Entre outras considerações, o autor coloca como pontos relevantes para observação: a formação intelectual de um autor, considerando influências recebidas na formação; e a presença de relações intertextuais nos materiais em análise, observando citações feitas das mais variadas formas. Ainda que a questão seja objeto de discussões, considera-se aqui o clima de opinião de uma época como um dos elementos possíveis para delimitar influências.

iniciação, possibilitando que o ideal de objetividade (ainda que apenas um simulacro) esteja presente por meio da linguagem e dos modos de atuação do gênero específico.

O manual, por meio de sua retórica, metalinguagem e formas de apresentação, organiza e difunde uma imagem ideal de ciência e de pesquisador, projetando para o leitor e seu autor uma visão universal, integral e praticamente inquestionável para o texto produzido que, por ser objeto do processo pedagógico, cria um espaço atemporal, não consciente da história e das formulações e reformulações pelas quais o conhecimento passa. Indefinições, rupturas, discussões e revisões de temas de uma área não fazem parte, pelo menos na visão tradicional, do discurso do manual, que provoca um apagamento das controvérsias e funciona como discurso homogêneo, transmitindo a contento, portanto, a imagem ideal de cientificidade que um grupo quer ver próxima a ele na divulgação de suas ideias: “podemos citar, por exemplo, o material didático, que tem esse caráter de mediação e cuja função sofre o processo de apagamento” (Orlandi 2006: 22)⁸.

Na próxima seção, observa-se de que forma dois manuais brasileiros de introdução à linguística atuaram, em suas respectivas épocas, como forma de comunicação de grupos de especialidade específicos, divulgando formas privilegiadas de tratamento do objeto linguagem.

3. NA LINGUÍSTICA BRASILEIRA, DOIS MANUAIS E A DIVULGAÇÃO DE SABERES CIENTÍFICOS

3.1 *O Manual de linguística na década de 1970*

Organizado por Cidmar Teodoro Pais e Monica Rector⁹, o *Manual de Linguística* de 1979 caracteriza-se pela sua pluralidade, como resenha

8. “... formulam-se, através de metalinguagem da época, problemas clássicos, de maneiras diferentes, sem que se tenha consciência disso, uma vez que não se trata de uma reflexão sobre fatos nem da história das diferentes formulações dos mesmos problemas colocados pelos fatos. Desconhece-se a história dos conceitos, ou melhor, que os conceitos têm uma história.” (Orlandi 2006: 20-21)

9. Cidmar Teodoro Pais graduou-se em Letras pela Universidade de São Paulo e pela Université Lumière Lyon 2. Doutorado pela Université de Paris IV, pela Université de Montpellier e pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e pela Université de Paris IV. Foi um dos principais responsáveis pela formação do departamento de linguística na Universidade de São Paulo, onde atuou em linguística descritiva e semiótica. Monica

publicada no mesmo no *Jornal do Brasil*, por Adriano da Gama Kury, anunciava: “um manual eclético”. Esse ecletismo encaixava-se perfeitamente ao panorama da linguística brasileira da época, que começava a sair dos seus primeiros momentos de institucionalização de fato (cursos na graduação mais consolidados, após o decreto de 1962, organização dos primeiros centros de formação pós-graduada, publicações mais correntes e regulares). Nesse período, os estudos linguísticos brasileiros caracterizaram-se, num panorama geral, da seguinte forma: em um primeiro momento, linguística descritiva sincrônica (fonologia e morfologia), linguística de orientação gerativa, com destaque para a sintaxe, semiótica/semiologia e os primeiros diálogos interdisciplinares. Essas primeiras orientações permitem o reconhecimento de diferentes esferas de influência na linguística brasileira: uma norte-americana descritivista e gerativista e uma francesa nas orientações discursiva e semiológica e também na linguística geral. É possível notar nessa configuração a pluralidade do pensamento linguístico brasileiro¹⁰. Essa diversidade de propostas teórico-metodológicas, entre outros fatores, não pode deixar de ser relacionada ao fato de que o pensamento linguístico brasileiro pode ser caracterizado, em muitos momentos, pela recepção e adaptação de ideias advindas daqueles que são considerados como centros de produção em teoria linguística, notadamente países considerados como desenvolvidos na organização social e política mundial¹¹.

Rector é professora aposentada da Universidade Federal Fluminense e da Federal do Rio de Janeiro. Atualmente leciona Estudos Luso-brasileiros na University of North Carolina, em Chapel Hill, EUA. Tem publicado nas áreas de Linguística, Semiótica, Comunicação não-verbal e Literatura Portuguesa. Doutou-se no Brasil na década de 1970 e suas principais áreas de atuação foram a semântica, a semiótica e a teoria da comunicação.

10. “A proliferação de artigos de tipo programático na década de setenta indica o alto grau de diversificação teórica e metodológica buscado entre os linguistas brasileiros do período. Tal característica, definida muitas vezes como o ‘ecletismo’ da Linguística Brasileira, se confirma pelas frequentes citações de linguistas estrangeiros num mesmo artigo, pela redução das teorias adotadas a seus aparatos descritivos, ou às suas nomenclaturas e, principalmente, pela produção de resultados parciais, fragmentados, que não suscitaram continuidade em termos de pesquisa.” (Altman 1998: 280)

11. “... a linguística latino-americana caracteriza-se pela sua *receptividade* [...]: tende a absorver informação e a adotar e aplicar métodos que já foram experimentados em outros lugares, mas com finalidades apenas locais e imediatas, sem a intenção de participar do diálogo internacional da linguística. [...] a linguística latino-americana é uma linguística que em geral não luta pela originalidade e que não tem ambições teóricas ou metodológicas. Seu lema é absorver e aplicar, e não criar e renovar.” (Coseriu 1976: 29)

“Salvo em alguns pontos, nosso países [latino-americanos] continuaram sendo colônias culturais, apesar de terem progredido à medida que passaram a depender de nações criadoras de cultura moderna. Inclusive hoje, quase um século depois dos primeiros passos da Ciência e da Técnica, a maioria das ex-colônias continua importando quase todos os seus temas de pesquisa e, às vezes,

Na tentativa de apresentar um manual que fosse abrangente e fizesse, portanto, eco a uma pluralidade do campo dos estudos linguísticos (ainda não exatamente organizado em grupos de especialidade, como se nota a partir da década de 1980), os textos coletados por Pais e Rector vinham acompanhados de uma retórica que pontuava com vigor a complexidade não só da formação em linguística como também da própria escrita de um manual. Observe-se no texto de quarta capa do livro a presença dessa visão valorativa da área, associada à dificuldade e necessidade de entrega e estudo. Sem dúvida, essa forma de divulgação procurava, além de justificar a pluralidade e a configuração técnica presentes no manual, inserir os saberes a serem divulgados numa esfera em que o capital simbólico envolvido (Bourdieu 2004) definia a imagem de um pesquisador efetivamente dedicado a um processo de construção científica:

Conscientes das difíceis opções que são exigidas daqueles que se lançam à elaboração de introdução à ciência, particularmente no caso da Linguística, os organizadores deste trabalho procuraram escapar à tentação de fazer uma apressada apresentação de numerosas escolas e correntes, o que, além de superficial, deixaria o leitor tão perplexo como desinformado.

.....
A escolha de professores universitários de diferentes regiões do país, e de especialidades diversas, obedeceu ao critério de oferecer aos leitores uma perspectiva ampla, não dogmática, de modo a estimular-lhes uma sadia inquietação científica, proporcionando-lhes o ensejo de habituar-se a questões de cunho epistemológico, modelos e técnicas de pesquisa, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da metalinguagem que é indissociável do progresso da própria ciência. (Texto de quarta capa de Pais e Rector 1979)

O *Manual de Linguística* (1979), além da apresentação dos organizadores Pais e Rector, apresenta sete capítulos, acompanhados de listas de exercícios, que contribuem na caracterização do gênero, ampliando sua funcionalidade no processo de ensino-aprendizagem, ainda que o formato dos exercícios seja distinto e irregular (ora testes, ora atividades de análise, ora questões teóricas, ora sugestões de pesquisa). Os capítulos seguem elencados a seguir,

limita-se a colher informação que será elaborada na metrópole.” (Bunge 1980: 61)

“Mattoso não propôs, nos *Princípios*, uma teoria própria, ao contrário, inaugurou uma prática que traria importantes consequências para as gerações que o sucederam, que consistia em derivar ideias linguísticas da Europa e dos Estados Unidos e aplicá-las na descrição do Português. A imagem da ‘receptividade’ da Linguística brasileira foi, antes de mais nada, uma prática.” (Altman 1998: 102)

acompanhados dos autores e do espaço institucional que estes ocupavam na década de 1970:

- “Elementos de fonologia estrutural”, Cidmar Teodoro Pais (professor, principalmente, de fonética, fonologia, semiótica e linguística geral na USP);
- “Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos”, Maria Aparecida Barbosa (professora na área de lexicologia e lexicografia na USP);
- “Sintaxe”, Eunice Pontes (professora na Universidade Federal de Minas Gerais, com publicações reconhecidas na época na área da sintaxe);
- “Linguística Aplicada”, Monica Rector (professora no Rio de Janeiro, com atuações na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Federal Fluminense, em diferentes áreas da linguística e também na semiótica);
- “Psicolinguística”, Geraldina Porto Witter (professora da mesma área na USP na época);
- “Sociolinguística”, Jürgen Heye (na década de 1970 atuava, com destaque em sociolinguística, na PUC-RJ, na PUC-Campinas e na Federal do Rio de Janeiro);
- “Informação e comunicação”, Eduardo Neiva Jr. (autor de outros trabalhos, na década de 1970, em colaboração com Monica Rector, vinha da área de comunicação e do estudo da imagem visual e era também uma ponte com o Rio de Janeiro).

A distribuição e ordenação dos capítulos é especular a uma visão estruturalista da linguagem, com seus níveis de análise expostos hierarquicamente, em meio a relações de segmentação, distribuição e integração: da menor unidade significativa ao complexo comunicativo.

No processo de validação do conhecimento que todo manual realiza, a organização e escrita do livro de 1979, ao delimitar fronteiras do conhecimento que considerava como pertinente a uma introdução (ainda que o texto de quarta capa fale em algo não dogmático, os textos, ao efetuar seus recortes, atuam discretamente de forma dogmática), definiu as seguintes áreas:

- a) fonologia estrutural, fonética acústica e articulatória. Em vários trechos do capítulo em que essas áreas são explanadas, é possível perceber a retórica do moderno, das humanidades que, via linguística e fonética em especial, entravam no laboratório, o que permitia a criação da imagem favorável do cientista da linguagem. Os conceitos teóricos (como fone e fonema) são explicados ao lado da exposição de princípios de análise (como a comutação). Escrito por Pais, o capítulo que abre o manual se apoia numa metalinguagem construída com auxílio de recursos visuais e fórmulas de feição matemática: era preciso deixar claro que se tratava de *ciência*. E a metalinguagem (como o texto de quarta capa já anunciava) atua como um dos elementos que constrói a institucionalização de um tipo de conhecimento (e de um dialeto técnico) que cientificamente transmite um valor simbólico, no sentido de que divulga, ou pretende divulgar, uma imagem de cientificidade;
- b) lexicologia, nas dimensões estrutural, sintática e semântica, a partir de uma perspectiva essencialmente estruturalista (europeia), como se depreende pelas formas discursivas adotadas por Barbosa, “a semântica lexical e gramatical possuem o mesmo tipo de estruturação, diferindo, porém, quanto à natureza dos elementos nelas implicados” (Barbosa 1978: 103, in Pais e Rector 1978). Abordando desde campos semânticos até a estrutura morfológica das “lexias lexicais e gramaticais”, passando por análises das relações que compõem o significado tanto no nível lexical quanto no nível gramatical (“semântica lexical e gramatical”), a retórica adotada, na exposição dos aspectos teórico-metodológicos da lexicologia e da lexicografia, realça, como esperado, a busca da cientificidade, uma vez que se faz um “tratamento científico do léxico” (Barbosa 1978: 87, in Pais e Rector 1978), inserido numa perspectiva exploradora do diálogo da linguística com a semiótica (“o léxico e a semiótica humana”, como indica o título de uma das subseções), outra esfera de influência presente no manual e também campo de atuação dos organizadores do livro;
- c) sintaxe, em seus aspectos teóricos e descritivos. O texto de Pontes, autora que fazia parte do que começava a se configurar como um grupo de especialidade da Gramática Gerativa, que no final da década de 1970 caminhava para uma sólida imagem de grupo

institucionalizado, explora conceitos teóricos propostos pelo norteamericano Noam Chomsky (competência, performance, gramaticalidade, estruturas profunda e superficial) e expõe as regras sintáticas e de transformação, como era comum em outros manuais da época escritos por pesquisadores da Gramática Gerativa (cf. Batista 2010). Os temas e representações característicos da pesquisa gerativista estão presentes (orações complexas e representações arbóreas, por exemplo), assim como a retórica de ruptura e modernidade, típica dos gerativistas na época, que entre outras coisas insistia numa redefinição de gramática, agora sim baseada no critério da cientificidade: “podemos sistematizar agora a organização da gramática, como a entendemos, no que se refere à sintaxe” (Pontes 1978: 144, in Pais e Rector 1978). Observa-se, ainda, o combate às formas da Gramática Tradicional, fazendo coro a uma manifestação discursiva dos linguistas em geral, expressa pelos pares de oposição científico X não científico, prescritivo X descritivo;

- d) linguística aplicada, com a presença de temas como minorias linguísticas e ensino, línguas estrangeiras, ensino de língua materna. O capítulo que trata da área evidencia, mais uma vez, a tentativa de expor a variedade de assuntos da ciência da linguagem. Ao lado da linguística do sistema, apresenta-se a preocupação com a aplicação do conjunto teórico-metodológico, típica da retórica dos primeiros momentos de uma área em busca de sua legitimidade também em uma atuação social, atingindo, assim, esferas da política educacional: “por linguística aplicada entende-se a utilização dos princípios da linguística teórica para resolver problemas de comunicação ligados à vida cotidiana e profissional, assim como a outras esferas do conhecimento” (Rector 1978: 151, in Pais e Rector 1978). Pode-se notar a necessidade de criar, nos termos de Bourdieu (2004), um capital simbólico que torne legítima uma área de conhecimento;
- e) psicolinguística, apresentada por Witter com a utilização da retórica clamando por cientificidade e antes de mais nada ruptura com um conhecimento considerado tradicional e ultrapassado: “o interesse dos fenômenos [...] cientificamente só [tenha] adquirido consistência suficiente há pouco tempo” (Witter 1978: 179, in Pais e Rector 1978). A imagem do novo e do alcance científico da área são veiculados em um capítulo que explora sobretudo os processos

da comunicação humana e o comportamento linguísticos, abrindo, por assim dizer, a passagem para que o manual saia da esfera da linguística imanente e entre numa abordagem mais externa dos fenômenos linguísticos;

- f) sociolinguística, com destaque para o tratamento da variação em uma perspectiva que expõe a língua como parte do processo comunicativo em meio a diferentes comunidades de falantes. O método de coleta de dados é descrito, o que não deixa de colaborar para a transmissão do aspecto valorativo de um procedimento metodológico que, enfim, acaba por plasmar a seu modo a própria noção do rigor do fazer científico. A abordagem sociolinguística é a única que deixa de apresentar uma sequência de exercícios objetivos, em seu lugar estão sugestões para “futuras pesquisas na área [...] que concernem à realidade linguística brasileira” (Heye 1978: 235, in Pais e Rector 1978). Presença do chamado para as novas gerações observarem aspectos sociais dos usos linguísticos, inserindo, dessa forma, os assuntos pertinentes em uma esfera de produção de um capital de valor não só para a ciência mas para o conhecimento público também;
- g) informação e comunicação, cumprindo, portanto, o delineamento hierárquico dos níveis de análise: do fonema ao processo comunicativo, com falantes inseridos em trocas efetivas de informação e sentidos. Em um texto com características próximas daquelas do gênero ensaio (destoando, portanto, dos outros textos), baseado no que se concebia à época como teoria da informação, coloca-se em diálogo a linguística, a teoria da comunicação/informação e a literatura. A construção do texto explora a interdisciplinaridade, transmitindo, desse modo, a perspectiva que considera positivamente uma ciência em colaboração constante com outras áreas que lhe são próximas.

A escrita desse manual situa-se numa esfera de influência bastante específica, concretizada em meio aos momentos de fato de uma institucionalização do que se concebia como científico no tratamento da linguagem humana. O manual não deixa de representar o que se considerava como pertinente para um curso de linguística, principalmente reproduzindo o que um de seus organizadores, Pais, reconhecia como legítimo no ensino introdutório. A proposição de um curso de graduação na Universidade de

São Paulo (USP), coordenado por Pais, é imagem em outra dimensão da seleção de capítulos do manual de 1979. Na sua avaliação da linguística brasileira do período 1968-1988, Altman (1998) explora os processos que constituíram os estudos linguísticos em diferentes instituições e sobre Pais e a USP faz as seguintes considerações:

A área de Linguística da USP propôs, ainda, no ano de 1971, um 'Ante-Projeto' de Licença em Linguística (Processo FFLCH-USP no. 644/71, fls. 4), a nível de graduação, elaborado por Pais, que definiu, como principais objetivos a serem atingidos pelo curso: a) a formação de especialistas em pesquisa linguística, aplicada à descrição do português; b) a formação de professores de Linguística para o curso secundário; c) a formação (a título de iniciação) de professores especializados para o Ensino Superior. (Altman 1998: 143-144)

Os objetivos de Pais podem ser vislumbrados como uma base de sustentação da própria estrutura do manual que ele iria organizar sete anos após sua proposição de uma "licença em Linguística". E as esferas de influência do manual também reproduziriam as próprias esferas de influência determinantes na configuração dos cursos de graduação e pós-graduação em Linguística na Universidade de São Paulo, com a coordenação centralizada na figura de Pais, que assumia, então, as figuras das lideranças intelectual e organizacional (atuando até, via organização do manual, na divulgação de um saber que, em última instância, a sua figura autorizava como válido):

Pautado em um modelo de cientificidade proposto pelas universidades europeias, sobretudo francesas, segundo as proposições de Pais, seu idealizador, o curso de pós-graduação da Universidade de São Paulo previa para os alunos atividades de pesquisa e frequência a disciplinas na chamada área central e na área complementar. (Altman 1998: 141)

Pais era o responsável por várias disciplinas, pela coordenação e aglutinação de um grupo. [...] ainda nos anos setenta, começou a desenvolver, acoplado ao programa da Linguística, uma nova linha de pesquisa em Semiologia e Semiótica que passaria, aos poucos, a se tornar dominante no Departamento. (Altman 1998: 143)

As considerações de Altman acima nos auxiliam na configuração de uma esfera de influência europeia, concretizada no manual na escrita dos capítulos referentes ao estudo do som e da palavra. Pais, no seu tratamento fonético-fonológico, cita em sua bibliografia autores predominantemente europeus: nomes como Bondy, Grammont, Jakobson, Lyons, Llorach, Malmberg, Marcus, Martinet, Pottier, Revzin e Troubetzkoy colaboram

para destacar a presença de uma influência que chegava principalmente por meio da língua francesa. Ainda outros nomes como Dubois, Genouvrier, Peytard, Guilbert, Muller colaboram para solidificar a esfera de influência no texto de Barbosa sobre aspectos lexicais. Nesse capítulo, ainda, uma influência se faz mais notável: Pais é citado por Barbosa em três obras. Colegas no departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, reproduziram a parceria não só na escrita do manual como também no compartilhamento de uma esfera de influência notadamente europeia. De certa forma, as referências cruzadas de Barbosa e Pais sinalizam um diálogo entre os dois pesquisadores, na direção da constituição de um grupo de especialidade, o que de fato se deu, não em termos tão extensivos, mas concretizada na Sociedade Brasileira de Linguística (com direção e secretaria nas mãos de Pais, Barbosa e também Rector, em momentos variados) e na *Revista Brasileira de Linguística*, com atuação em destaque do mesmo grupo (cf. Altman 1998).

A exposição de uma teoria sintática gerativista, assegurando ao manual o caráter de cientificidade associado ao programa na época, vincula-se à esfera de influência norte-americana, por conta do recorte teórico utilizado. O texto de Pontes, além da inevitável presença de Chomsky, apresentava referências a autores brasileiros (nos capítulos de Pais e Barbosa essa presença se dá em nomes como Joaquim Mattoso Camara e Francisco da Silva Borba): Leila Barbara, Mário Perini, Antonio Quicoli (estrangeiro com atuação no Brasil). Nessa seleção estavam os primeiros textos que contribuíram para a institucionalização de uma imagem de grupo para os pesquisadores da Gramática Gerativa.

A seleção de títulos bibliográficos das áreas de psicolinguística, sociolinguística, linguística aplicada, teoria da informação não permite uma descrição semelhante, uma vez que as esferas diluem-se na direção de textos de origens diversas.

A dificuldade em apontar uma única esfera de influência associa-se, sem dúvida, ao ideal de pluralidade do manual, como já informava o texto de quarta capa:

A intenção dos autores é apresentar um elenco válido de direções da investigação científica, que vão dos aspectos estritamente linguísticos às várias abordagens interdisciplinares e às aplicações da ciência no campo das comunicações. (Texto de quarta capa de Pais e Rector 1979)

De qualquer modo, mesmo diante da pluralidade, é possível notar que a organização e a escrita do manual conceberam como conhecimentos linguísticos válidos, institucionalizados na visão de seus autores, aqueles que pertenciam a uma linguística do sistema em diálogo com áreas mais interdisciplinares, chegando ao processo comunicativo. Essa seleção de assuntos, que acaba por configurar não só o que se privilegiou, mas também o que se descartou, mais uma vez reproduz a visão de Pais sobre o momento linguístico que vivia. Em um material distribuído no curso de Linguística Histórica, ministrado por ele em 1997 na USP, Pais assim definia um dos ramos dos estudos linguísticos:

Concepção estrutural-funcional: processos semióticos. Língua como instituição social, cultural, histórica e atividade cognitiva. Língua X discurso como processo semiótico verbal. Disciplinas: Linguística Geral, Semiótica, seus ramos - níveis e campos e relações multidisciplinares. Metateoria: conjunto das ciências humanas e sociais. Abordagem: pancrônica, em sentido amplo. Concepção sónica: significação como função semiótica. (Texto divulgado por Pais em material distribuído em sala de aula no 2o. semestre de 1997. Arquivo pessoal do autor deste artigo.)

Na descrição dessa concepção estrutural-funcional, pode ser inserida a própria concepção teórica subjacente ao manual que Pais organizou com Rector, possibilitando que a historiografia veja, anos depois, a sistematização e validação de uma forma de compreender a linguagem e seus fenômenos. Há na ação intelectual e também social do manual a presença de um “colégio invisível” de pensamento, que aglutinou informalmente pesquisadores em torno de uma mesma concepção e que validou uma série de conhecimentos, vistos como pertinentes para o ensino a partir do momento em que figuraram em um manual que se definiu como de introdução a um campo do conhecimento humano¹². Essa agremiação informal, concretizada na reunião dos autores dos textos do manual, tem sua força, no sentido de que promove a circulação social de uma série de conhecimentos que adquirem um valor na troca entre os pesquisadores e entre professores e alunos. Retoma-se o uso que Murray (1994: 10) faz do termo *invisible colleges*, referente a agremiações (ou mesmo “colégios”, no sentido de reunião) que se

12. “The formulation ‘invisible colleges’ was hardly new. It has been used at least as early as the 17th century to refer to those scientists who recognize each other as competent to judge good work in science. Such scientists are not invisible to each other. Their collegiality is ‘invisible’ in the sense that the participants are not gathered in a single formal organization at a specific places and that important parts of their communications are informal assessments, not formal publications.” (Murray 1994: 10)

reconhecem em uma troca de informações, mesmo que não oficialmente institucionalizada em grupo de aspecto mais formalizado (como se pode notar na configuração das participações do manual de 2009). Ainda que os autores estejam reunidos em um manual e alguns deles de fato tenham uma atuação conjunta em sociedades e publicações, não é possível associar os autores a uma imagem de fato de um grupo de especialidade, levando em conta principalmente a pluralidade teórica que os circunda, pois eles não se limitam exatamente a um programa de investigação, aspecto que possibilita a aglutinação de pesquisadores em um grupo reconhecidamente institucionalizado.

Tendo isso em vista, é interessante observar a avaliação histórica feita sobre a constituição do departamento de linguística na Universidade de São Paulo. A memória construída do processo institucional articula-se com a escrita do manual de Pais e Rector:

A criação do bacharelado de Linguística em 1970, que passaria a funcionar a partir de 1972, favorece a difusão das novas ideias e do avanço científico. Tratava-se do primeiro e único curso do gênero no Brasil. O currículo, voltado para os diversos níveis de articulação e várias dimensões linguísticas, esboça as tendências vigentes. Também o curso de pós-graduação [...] seria elemento catalisador das novas ideias e tendências. Assim, o bacharelado de Linguística, constituído de cursos, inicialmente anuais, posteriormente semestrais, [...] cobre disciplinas como a Linguística IndoEuropeia, a Linguística Geral, a Lexicologia, a Semântica e a Fonética. Há outras que se reportam à relação da Linguística com outros campos do conhecimento, como a Sociolinguística e a Psicolinguística. A primeira se ocupa do estudo da variação linguística em todos os níveis - dialetos e registros; enquanto a segunda se volta para os processos de aquisição/aprendizagem de língua materna, bem como segunda língua/língua estrangeira. Por último cumpre destacar as dimensões que se reportam ao estudo dos sistemas de significação verbais e não verbais - a Semiótica. (Santos 1994: 482-483).

3.2 O Manual de linguística da década de 2000

Publicado no final da década de 2000 (em 2009, trinta anos após a publicação do manual de Pais e Rector), dedicado ao linguista Anthony Julius Naro (o que já indica uma das esferas de influência presentes no manual¹³),

13. “Pesquisador de grande experiência no grupo [de funcionalistas do Rio de Janeiro] é Anthony Julius Naro, que tem apresentado em congressos trabalhos sobre o modelo funcionalista e sobre a natureza funcional da variação. Na linha funcionalista de Givón, Naro publicou vários trabalhos em colaboração com Sebastião Votre.” (Neves 1999: 78)

o *Manual de Linguística* foi organizado por Mário Eduardo Martelotta¹⁴, que congregou pesquisadores que, de fato, constituem um grupo de especialidade em torno de propostas, principalmente, funcionalistas ou que dialogam com os temas da linguagem em uso e do ensino de língua. Os autores dos textos para o manual ou estão vinculados ao “Grupo de Estudos Discurso e Gramática”¹⁵, ou a uma formação acadêmica, ou atuação profissional na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (locais de atuação de um grupo em torno das propostas norte-americanas de abordagem funcionalista da língua), ou, ainda, são parceiros em publicações de caráter funcionalista¹⁶.

A avaliação que Maria Helena de Moura Neves faz dos estudos funcionalistas brasileiros permite observar que o grupo que se reuniu em torno da escrita do *Manual de linguística* constitui de fato uma comunidade de pesquisadores em torno de um programa de investigação definido:

Votre foi orientador de Martelotta, o que já nos permite, inicialmente, perceber a formação de uma rede de comunicação bastante intensa entre pesquisadores em torno de um mesmo programa de investigação.

14. Doutorado (1994) em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atuou como professor de linguística. Membro e coordenador do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, bolsista de produtividade do CNPq, participou do Projeto para a História do Português Brasileiro. Entre os principais temas com os quais trabalhou alguns colocam em destaque a perspectiva funcionalista no tratamento da linguagem: funcionalismo, mudança linguística, gramaticalização. Martelotta faleceu precocemente em 2011, aos 53 anos, em consequência de complicações no seu estado de saúde por conta de um linfoma.

15. O grupo descreve da seguinte forma seus objetivos de trabalho (relacionados à perspectiva funcionalista): “O Grupo Discurso & Gramática (D&G) trabalha com pesquisa na área de linguística funcional, com especial atenção para os processos de mudança linguística e gramaticalização. Seus pesquisadores vêm publicando, desde o início da década de 1990, livros e artigos nesta área, buscando, não apenas divulgar os fundamentos teóricos funcionalistas, mas também apresentar novas propostas de análise acerca do português brasileiro e de línguas antigas como o grego e o latim. [...] O Grupo D&G distribui-se em três sedes: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal Fluminense (UFF). Nessas sedes professores graduados de iniciação científica mestrando e doutorandos atuam em pesquisas voltadas para análise interpretativa de procedimentos discursivos e gramaticais do português em uso.” (Texto disponível no site do grupo)

16. “Ao final da década de 1970 surgiu no Rio de Janeiro uma nova corrente de pesquisa linguística orientada sobretudo para o estudo do uso da língua em situações diversas no mundo real. No início, as pesquisas concentravam-se principalmente na área de sociolinguística e variação, com um certo direcionamento para questões relacionadas aos reflexos da diacronia na sincronia. [...] Já na década seguinte, o espectro de estudo ampliou-se com a inclusão da orientação teórica funcionalista norte-americana e, mais tarde, com um interesse especial para o fenômeno da gramaticalização.” (Naro 2003: 9)

Ainda no Rio de Janeiro, outro grupo desenvolve pesquisas na linha do funcionalismo norte-americano. O projeto de estudos Discurso e Gramática, sediado na UFRJ e na Universidade Federal Fluminense - UFF, é financiado pelo CNPq e pelas duas universidades. Está concluído um trabalho sobre gramaticalização e complementação verbal, em que se analisam os processos semântico-sintáticos de integração dos objetos diretos. Está em desenvolvimento um estudo sobre gramaticalização e integração no encaixamento de cláusulas, que analisa os processos de integração semântico-sintática das estruturas oracionais do português, no qual estão envolvidos três doutores (Sebastião Votre, Mário Martelotta e Mariângela Rios), três doutorandos e cerca de dez bolsistas.

.....
 A orientação do projeto Discurso e Gramática foi levada a outro centro, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) por Maria Angélica Furtado da Cunha [...] (Neves 1999: 78-79)

Esses espaços demarcados de atuação permitem, logo de entrada, circunscrever o manual no âmbito de uma produção relacionada à teoria funcionalista da linguagem (em suas diferentes vertentes), não sendo possível, dessa forma, associar o livro de Martelotta a uma heterogeneidade, uma vez que mesmo que os assuntos sejam variados há uma linha de pensamento subjacente que conecta os diferentes textos, abrindo de fato o caminho para a percepção dos fenômenos da linguagem relacionados com o uso linguístico e com as funções que o processo comunicativo determina. Em certa medida, portanto, há um cenário de fundo estabilizando, por assim dizer, as esferas de influência¹⁷.

O livro é dividido em três grandes seções: “Linguística e Linguagem”, “Abordagens linguísticas”, “Aquisição, processamento e ensino”. Essa divisão, se heterogênea num primeiro e rápido olhar, revela na verdade diálogos, uma vez que se privilegiam, na maioria das seções, temas que colocam em jogo a perspectiva da linguagem em funcionamento. A presença de temas que se distanciam dessa concepção (como os capítulos sobre o estruturalismo e o gerativismo) reforçam o viés funcionalista do manual, no sentido de que o circunscreve numa perspectiva ampla que reforça o comprometimento

17. O grupo de especialidade funcionalista, com inspiração principal nos estudos norte-americanos, privilegia os seguintes pontos: linguagem como atividade sociocultural; estrutura (maleável) está subordinada a funções comunicativas e cognitivas, sendo portanto não arbitrária; mudança e variação são constantes; o sentido é dependente do contexto; categorias não podem ser definidas discretamente, mas em função do contexto de emprego e função; gramáticas são emergentes; as regras gramaticais permitem exceções (como informam Cunha, Oliveira, Martelotta (orgs.) 2003).

do manual com um programa de investigação. E o pertencimento a um programa gramatical funcionalista é indicado em meio a uma retórica que não se exime de assegurar esforços dos autores para o chamado de novos integrantes, nesse sentido são exemplares as palavras do organizador na apresentação:

E mais: pretendemos cumprir essa tarefa [introduzir leitores na linguística], buscando estimular o estudante a fazer reflexões sobre a natureza e o funcionamento da linguagem, através de uma abordagem instigante, convidando-o a se aprofundar em seus estudos no sentido de participar de projetos de iniciação científica e, em seguida, partir para a pós-graduação. (Martelotta 2008: 11).

Entre a “tradição e modernidade”, Martelotta na sua apresentação, tomando para si via discurso a figura de líder organizacional na produção do manual, conduz o leitor por uma retórica conciliadora, estabelecendo um elo entre uma tradição de escrita de manuais e a visão difundida por seu manual, que seria inovadora por incluir aspectos que até então não eram vistos em livros de introdução. Não dá para deixar de notar que a relação proposta é na verdade uma conexão materializada entre passado e futuro. Futuro nesse caso é a proposta de um grupo que se reconhece inovador:

Cientes das dificuldades - ou até da impossibilidade, se pensarmos na imensa quantidade de informação disponível - que tal tarefa impõe aos que tentam executá-la, buscamos selecionar o conteúdo transmitido a fim de harmonizar tradição e modernidade. Em outras palavras, o livro tenta conciliar algumas informações de caráter tradicional, buscando dialogar com outros manuais já publicados de conteúdo semelhante, com reflexões mais modernas, apontando tendências que atualmente estão se delineando nas pesquisas acerca da linguagem. (Martelotta 2008: 11).

A imagem do manual que tanto procura apoiar um caminho complexo na compreensão do que é a linguagem humana e seus fenômenos como estabelecer diálogo com outras áreas do conhecimento (como aparecia no manual da década de 1970) é mais uma vez presente:

Este livro foi concebido para suprir as necessidades de alunos e professores nas salas de aula de linguística e de língua portuguesa em cursos de graduação em letras e em outras áreas, como fonoaudiologia e comunicação social.

Nesse sentido, resolvemos juntar esforços para elaborar um manual que nos fornecesse meios mais eficazes de executar a difícil tarefa de introduzir informações básicas acerca de uma ciência que é inteiramente desconhecida para a imensa maioria dos estudantes brasileiros que ingressam em uma universidade, além de apresentar uma

série de discussões acerca da natureza da linguagem que ajudarão na formação desses alunos no decorrer de sua graduação (Martelotta 2008: 11).

A partir da divisão tripartite do manual, os seguintes tópicos são apresentados em quinze capítulos (todos acompanhados de exercícios):

a) *Linguística e Linguagem*:

- “Linguística” (por Angélica Furtado da Cunha, Marcos Antonio Costa e Mário Eduardo Martelotta): trata essencialmente da conceituação de linguística como estudo científico e suas relações com áreas como a semiologia e a gramática; uma seção denominada “Aplicações” parece cumprir o que se espera da retórica dos manuais, assegurar o espaço de atuação social mais ampla para uma área de pesquisa que se quer divulgar;
- “Funções da linguagem” (por Mário Eduardo Martelotta): tema tradicional e fundador dos estudos funcionalistas, é feita uma breve abordagem do processo comunicativo a partir das proposições de Jakobson;
- “Dupla articulação” (por Mário Eduardo Martelotta): tratamento da dualidade da linguagem humana na visão tradicional, presente nos estudos linguísticos principalmente a partir de Martinet (outro nome que pode ser associado a uma concepção fundadora da visão funcionalista);
- “Conceitos de gramática” (por Mário Eduardo Martelotta): delimitação dos sentidos possível para o termo *gramática*, ao lado de uma exposição de formas de tratamento da linguagem, ao falar da gramática tradicional, da gramática histórico-comparativa, da gramática estrutural, da gramática gerativa e, por fim, mas nem de longe menos importante, da gramática cognitivo-funcional;
- “Arbitrariedade e iconicidade” (por Victoria Wilson e Mário Eduardo Martelotta): apresentação com viés historiográfico demonstrando como a relação forma e sentido foi abordada na linguística e na semiótica, com destaque para uma revisão do conceito de arbitrário de Saussure, chegando até sua reformulação pela teoria funcionalista;

- “Motivações pragmáticas” (por Victoria Wilson): abordagem teórica dos fenômenos da linguagem em uso. A apresentação da linguística não se faz por meio da abordagem reconhecida como estruturalista na exposição dos níveis de análise linguística (de perspectiva imanente). Dos princípios de análise da ciência da linguagem, o destaque fica para a pragmática, área outrora desprestigiada por uma linguística do sistema e que no manual de 2009 ocupa lugar privilegiado.

b) *Abordagens linguísticas:*

Esta seção faz uma apresentação com viés tradicional comum em manuais de história da linguística ou mesmo aqueles que fazem uma introdução à área por meio da explicação das diferentes escolas que trataram da linguagem e seus fenômenos. São apresentados programas de investigação bastante conhecidos no Brasil:

- “Estruturalismo” (por Marcos Antonio Costa): trata do legado de Saussure, nas palavras do autor, e também da escola estruturalista norte-americana;
- “Gerativismo” (por Eduardo Kennedy): expõe fundamentalmente o que se entende por faculdade da linguagem e os princípios teórico-metodológicos de base chomskiana;
- “Sociolinguística” (por Maria Maura Cezario e Sebastião Votre, orientador na pós-graduação de Martelotta): apresentação teórica e histórica da área, das relações entre sociedade e linguagem, da corrente variacionista e dos aspectos teórico-metodológicos;
- “Funcionalismo” (por Maria Angélica Furtado da Cunha): definição do programa e de suas vertentes europeia e norte-americana, exposição de tópicos como informatividade, iconicidade, gramaticalização;
- “Linguística Cognitiva” (por Mário Eduardo Martelotta e Roza Palomanes): breve discussão comparativa entre as correntes gerativista e cognitiva, apresentação da definição de conhecimento na perspectiva do programa cognitivista e tratamento de temas como princípio da projeção e mesclagem;
- “Linguística textual” (por Mariangela Rios de Oliveira): consciente de que o capítulo não apresenta exatamente um abordagem lingüís-

tica mas um ramo que se caracteriza pelo seu objeto de investigação (como parece ser o ponto de vista adotado por muitos membros do programa funcionalista), o interesse da abordagem do texto encontra-se vinculado principalmente a uma série de estudos que aproximam a análise textual de uma perspectiva funcionalista;

c) *Aquisição, processamento e ensino:*

Essa terceira parte cumpre uma das importantes diretrizes do grupo funcionalista: a colaboração para o ensino de língua nos níveis básicos. De fato muitos daqueles linguistas que se reconhecem como funcionalistas possuem um número significativo de trabalhos e livros sobre a problemática do ensino gramatical¹⁸. Os primeiros textos da terceira parte são consagrados a temas que tradicionalmente podem ser reconhecidos como pertencentes à área da psicolinguística e da aquisição.

- “Aquisição da linguagem” (por Maria Maura Cezario e Mário Eduardo Martelotta): explanação das hipóteses que procuram explicar o processo de aquisição da linguagem pelas crianças;
- “Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem” (por Márcio Martins Leitão): breve histórico dos estudos e exposição do se que compreende como psicolinguística experimental, com apresentação de modelos e de estudo de caso;
- “Linguística e ensino” (por Mariangela Rios de Oliveira e Victoria Wilson): apresenta um tipo de texto já tradicional nas proposições de relações entre o ensino básico e a ciência da linguagem, com a definição de diferentes concepções de linguagem com uma avaliação da contribuição de cada uma para o ensino.

A observação dos propósitos do manual da década de 2000 permite, mais uma vez, reconhecer a presença do discurso típico que delineia formas de conhecimento que seus autores julgaram como válidas e institucionalizadas. No caso de um manual brasileiro, novamente se perpetua a nossa

18. Além dos trabalhos de Moura Neves (como *Que gramática estudar na escola?* e *Ensino de língua e vivência de linguagem*, publicados na década de 2000 pela Editora Contexto), autores do manual e seu organizador (Maria Angélica Furtado da Cunha, Mariangela Rios de Oliveira e Mário Eduardo Martelotta) também publicaram *Linguística Funcional: teoria e prática* pela Editora Dp&A, com apoio da Faperj, em 2003. Esse livro apresenta capítulos que tratam da colaboração do Funcionalismo para o ensino de língua.

imagem de recepção, ainda que emoldurada num discurso de novidade. O Brasil permanece aplicando a dados nossos propostas dos países que se reconhecem como esferas de influência. No caso do manual organizado por Martelotta, essas esferas se situam principalmente nos países de língua inglesa (Estados Unidos e Inglaterra) propositores de teorias funcionalistas. E uma influência notadamente norte-americana (com base nos estudos do funcionalista Givón) pode ser apontada para os pesquisadores que se reúnem em torno do grupo “Discurso e Gramática”, segundo a avaliação de Neves (1999: 78-79).

Ainda se pode apontar a presença do programa funcionalista quando se tem em mente as tão discutidas e analisadas diretrizes educacionais para o ensino básico, os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados no final da década de 1990, que apontam nitidamente a colaboração da perspectiva funcionalista para o ensino de língua¹⁹. Esse direcionamento permite apontar que o grupo está institucionalizado no sentido de que, além de outros fatores, conseguiu interferir em políticas públicas de educação. Nesse sentido, o manual dialoga de forma expressiva com um momento dos estudos linguísticos nacionais, sendo fruto não só de sua época como também dos esforços claramente explicitados de um grupo de especialidade:

Os estudos funcionalistas no Brasil tiveram significativo incremento na última década, tanto assentados em modelos altamente sedimentados e desenvolvidos na Europa (Martinet, Coseriu, Halliday, Dik e seguidores) e nos Estados Unidos (Givón e Chafe), quanto inspirados em uma grande variedade de trabalhos norte-americanos [...] e em pesquisas de orientação cognitivista [...]

Em alguns casos associada a pressupostos sociolinguísticos, especialmente a Teoria da Variação e Mudança, a orientação funcionalista conduziu, nos últimos anos, um sem número de pesquisas, muitas delas interligadas em propostas conjuntas, preparadas por grupos constituídos. (Neves 1999: 93)

19. “Comparadas genericamente as propostas da antiga LDB (5.692/71) com as da atual, em termos de ensino de língua materna no Brasil, o que se destaca na nova orientação governamental são duas vertentes, em torno das quais deve fundamentar-se e inspirar-se a atividade docente nessa área: a transdisciplinaridade e o caráter social do uso linguístico.” (Cunha, Oliveira, Martelotta (orgs.) 2003: 91) “O trabalho analítico e reflexivo sobre a língua [tal como indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais da década de 1990] tem como ponto básico e inicial a observação das estruturas mais regulares verificadas no desempenho discursivo. Ora, o que se está propondo é, na verdade, a investigação dos usos linguísticos como um contínuo; é a concepção maleável e relativamente instável da gramática, tal como o faz a abordagem funcionalista aqui apresentada.” (Cunha, Oliveira, Martelotta (orgs.) 2003: 92)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: *HOMONÍMIA* OU *POLISSEMIA* NA PRESENÇA HISTÓRICA DOS MANUAIS

A historiografia opera, na sua construção analítica, uma série de seleções e define, dessa maneira, um caminho de observação que pode privilegiar continuidades ou descontinuidades no desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem. Assim, a história a ser contada é vista a partir de recortes e pontos de vista determinados pelo historiógrafo (concretizando a máxima que afirma não serem isomorfos a História e a Historiografia). Retomam-se nesta conclusão essas considerações para começar a colocar em exposição algumas tentativas de interpretação a respeito da presença dos manuais analisados neste artigo na linguística brasileira após seus momentos efetivos de institucionalização na década de 1960.

A questão norteadora desta análise é se o título dos manuais (*Manual de linguística*), pela sua identidade formal, leva a uma consideração de que há semelhanças na forma como os autores entenderam o processo de ensino-aprendizagem, via material didático, em torno de uma introdução à linguística, ou se o título leva, por outro lado, à consideração de que a semelhança é apenas na forma empregada, uma vez que ele denota concepções distintas do que se define como iniciação aos estudos linguísticos.

Havendo semelhanças, há *polissemia* (identidade na forma e diálogos no tratamento dos assuntos selecionados). Havendo rupturas, no sentido de que divergências estão em maior destaque, há *homonímia* (identidade na forma, distanciamento no sentido denotado, isto é, na apreensão do que é apresentar linguística). Essa caracterização, no entanto, não pode ser vista de forma imediatista, e um tanto ingênua até, pela historiografia, pois, como ressaltado, a interpretação é resultante de escolhas do historiógrafo, o que permite caracterizar a historiografia como uma série de pontos de vista sobre seus objetos de análise, visões nem sempre em perspectiva homogênea. Dessa forma, a interpretação estabelecida não será dicotômica (*polissemia* OU *homonímia*), pois coloca duas possibilidades de caracterizar o processo histórico aqui em análise.

Uma interpretação em direção à continuidade e à polissemia

A visão continuísta destaca um primeiro diálogo entre os manuais na proposição comum de introduzir alunos de Letras e áreas afins nos estudos

sobre a linguagem humana. Certamente que não é tão difícil arriscar a hipótese continuísta se a atenção recair sobre os modos de organização e funcionamento do gênero manual, sua configuração, seu espaço de atuação social em meio aos processos de ensino-aprendizagem e seus objetivos. Nessa perspectiva, há de comum entre os livros de 1979 e 2009 a presença da tentativa de validação dos conhecimentos selecionados (sejam quais forem), a retórica que assegura (ou pretende assegurar) ao livro tanto o caráter de inovação como de tradição (atribuindo o capital simbólico valorativo que delinea modos de presença do manual entre usuários e leitores), a busca pela cientificidade (e nesse sentido uma forma de atrair novos estudantes e garantir legitimidade à área), a presença de uma linguagem técnica (com uma metalinguagem que também pretende contribuir para a divulgação positiva por meio do uso de um vocabulário especializado, que de fato constrói a imagem científica) expressa ao mesmo tempo por uma linguagem em busca do tom didático, claro e acessível, a presença de listas de exercícios e seleções de títulos para referência e leituras complementares.

Ao lado desses aspectos, uma outra faceta da continuidade não é tão visível e pode até ser polêmica. Em certo sentido, os dois manuais colocam em diálogo no processo histórico dois programas de investigação que de fato se reconhecem como distintos - estruturalismo e funcionalismo. No entanto, é possível que se avalie o funcionalismo como resultado de uma expansão, muito mais do que ruptura total, de uma linguística estrutural sistêmica para a observação da estrutura em funcionamento, com, naturalmente, uma inversão importante do ponto de observação privilegiado (no estruturalismo, o destaque para o sistema; no funcionalismo, o sistema condicionado ao uso). Assim, há uma concepção estrutural-funcional da linguagem que permite, em certa medida, aproximar os manuais, e, portanto, coloca-se uma interpretação *polissêmica* do processo histórico, em torno não de uma identidade absoluta, mas de uma expansão a partir de uma base que no fundo pode apresentar alguns pontos em comum. Além disso é importante notar que à sua época o manual de 1979 observou a estrutura linguística em funcionamento também, ao tratar de aspectos comunicativos da linguagem (sem que com isso se entenda um funcionalismo da linha de Givón, por exemplo, presente na obra de 2009).

Uma interpretação em direção à descontinuidade e à homonímia

Se a perspectiva continuísta encontra seu apoio na observação da estrutura e função dos manuais e num provável diálogo entre programas de

investigação, a imagem de descontinuidade apoia-se, principalmente, na observação que aponta a formação de distintos processos histórico-sociais que garantiram a atuação de grupos na tarefa de constiuição de saberes no objetivo de introduzir leitores à linguística. Isso porque, no caso desta análise, a ruptura é perceptível quando os manuais são vistos como produções de linguistas inseridos em diferentes contextos em busca de validação e legitimação de conjuntos específicos e diversos, em sua maior parte, de conhecimentos sobre a linguagem humana.

Nesse sentido, há uma ruptura no intervalo de cerca de trinta anos (1979-2009), porque os programas que os dois grupos validaram (ainda que dentro de uma concepção bastante ampla que se caracteriza como estrutural-funcional) apresentam alcances distintos e construíram, cada um a seu modo e época, específicas imagens de modernidade na ciência da linguagem e sua divulgação.

Em paralelo com a Semiótica e a Teoria da Informação/Comunicação, o manual de 1979 via sobretudo o moderno associado, em relação ao programa estruturalista, a uma perspectiva imanente acerca da língua e seus fenômenos. Já em 2009 o destaque da modernidade se dá em função da adoção de uma perspectiva funcionalista, em consonância com uma política educacional (da qual é causa e consequência ao mesmo tempo, dependendo da perspectiva adotada) que de certa forma contribuiu para a validação das possibilidades do programa. Os autores do livro atuam de fato como membros de um grupo de especialidade que se reconhece e se afirma como funcionalista. Esse mesmo grupo, por meio do manual e da retórica de seu organizador na apresentação, percebeu-se como inovador ao levar sua perspectiva para os livros de introdução à linguística, que no cenário brasileiro até então, pela observação geral das publicações de manuais, concentravam-se na tradição estruturalista (europeia ou norte-americana) ou gerativista. Assim, a descontinuidade se faz presente em relação a uma série de publicações, na qual o manual de 1979 se insere, e a visões distintas de compreender fenômenos da linguagem.

Percebe-se na seleção de assuntos que cada grupo e manual efetuou um distanciamento, já que em trinta anos o conjunto de conhecimentos introdutórios à linguística alterou-se significativamente (pelo menos em relação ao que os manuais expuseram). Por exemplo, o manual de 2009

não traz capítulos dedicados a áreas tradicionais da perspectiva imanente (fonologia, morfologia, sintaxe) e coloca em seu lugar a pragmática, tratando brevemente desse núcleo tradicional nos capítulos de feição histórica sobre abordagens linguísticas e também no capítulo sobre a dupla articulação. O *locus* em que figuram áreas mais tradicionais é o do espaço histórico (“Abordagens linguísticas”), transmitindo, ainda que não explicitamente, a imagem de inovação do manual do grupo funcionalista, em direção a novas formas de entender a linguagem humana. Essa configuração e seleção diversa já permite perceber a descontinuidade, uma vez que há um posicionamento diferente dos autores envolvidos a respeito do que seria um conjunto nuclear de tópicos da linguística. Claro que é possível apontar conexões, como escolhas de temas sócio e psicolinguísticos, mas mesmo nesses campos de observação e análise os propósitos não são idênticos, uma vez que sua presença no livro de 2009 já sofre influência de uma concepção da linguagem ausente em termos de aplicação em larga escala no manual de 1979: a que considera a linguagem em funcionamento nos processos de interação verbal, concebendo linguagem como interação, e não mais como código exclusivamente (concepção possível de ser delineada na década de 1970). Por outro lado, na década de 2000, a Teoria da Informação já não exercia a influência perceptível no manual de Pais e Rector.

E mais que tudo, há na construção de uma perspectiva de descontinuidade a visão em 2009 (sutilmente percebida nas entrelinhas da construção do manual organizado por Martelotta) de que a linguística se encontra em um trajeto dinâmico e histórico, garantindo, portanto, a pluralidade característica da ciência da linguagem. Nesse aspecto encontra-se de fato um grande distanciamento entre as propostas de escrita dos manuais, pois essa dimensão histórica não se encontra no manual de 1979, que acaba transmitindo uma imagem acabada da ciência da linguagem, enquanto que no livro de 2009 a presença de capítulos tratando de diferentes programas de investigação coloca o leitor, ainda que de forma não explícita, diante da apreensão dos movimentos históricos.

Dessa forma, pode-se apontar que há entre os manuais, escritos num intervalo de trinta anos, em virtude das distinções e distanciamentos, um processo que realça o que se definiu no início deste texto como *homonímia*. Semelhanças mesmo, apenas no título.

Uma colocação final

Se observarmos a retórica adotada nos dois manuais, estaremos diante, pelo menos em uma primeira consideração, de um processo de descontinuidade, uma vez que os organizadores dos livros insistiram em seu papel de originalidade diante do cenário de produção de manuais de linguística em que cada época. No entanto, o olhar interpretativo da HL pode apontar que, em análise retrospectiva, não é apenas a retórica que nos possibilitará avaliar pertencimento ou não a uma tradição de estudos, já que a observação do material selecionado em perspectiva comparativa nos levará à conclusão de que estamos diante de duas retóricas de ruptura. Há, porém, uma distinção a fazer: a descrição do material nos leva a captar determinada retórica adotada por um grupo em um estágio específico em que ele se encontra; mas a interpretação do processo histórico e sua evolução, função da HL, poderá validar ou não essa retórica apontada.

Tendo esse aspecto em vista, ao analisar apenas retóricas teríamos de admitir que os dois manuais seriam da esfera do distanciamento e da ruptura (homônimia, portanto), uma vez que, como se apontou, apresentam retóricas de ruptura. O recuo do historiógrafo, no entanto, ao colocar os manuais em perspectiva histórica, possibilita anular ou reafirmar a força e validade da retórica de ruptura adotada, uma vez que é capaz de analisar se há *de fato* entre as dimensões históricas continuidade ou não. Diante dessa fragilidade em observar somente o que foi defendido por pesquisadores em momentos específicos da história, optou-se por observar a retórica em conjunto com uma série de outros fatores, tendo em vista captar analiticamente o desenvolvimento de formas de conhecimento.

Retomando, então, nossa proposta de análise, caminhando para a conclusão, temos de retomar o clássico de 1968 de John Lyons, *Introduction to Theoretical Linguistics*, pois nesse livro ele alertava que uma distinção entre homônimia e polissemia era arbitrária e não apresentava uma base segura que a determinasse, sendo, portanto, muito mais resultado de um *posicionamento assumido pelo linguista* ao analisar fenômenos lexicais.

Seguindo o posicionamento de Lyons se encerra este texto, sem uma resposta definitiva para a questão colocada no título do artigo, mas apontando que nos processos históricos que possibilitaram a formação de grupos e a publicação de manuais nas décadas de 1970 e 2000 haverá homônimia *ou*

polissemia, dependendo da *perspectiva que adotar o historiógrafo da linguística* ao observar movimentos dinâmicos da história, concretizada, no presente caso, na formação de comunidades em torno de ideias linguísticas, de processos de institucionalização do saber e de retóricas que podem conferir capital simbólico de valor em cada época.

Recebido em novembro de 2011
Aprovado em dezembro de 2011
E-mail: robotista@mackenzie.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, Cristina. 1998. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. 2010. Em busca de uma história a ser contada: a recepção brasileira à Gramática Gerativa. *Revista da Anpoll*, n. 29, v. 1, p. 260-291.
- BOURDIEU, Pierre. 2004. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- BUNGE, Mario. 1980. *Ciência e desenvolvimento*. [Trad. de Claudia Regis Junqueira do orig. espanhol.] Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- COSERIU, Eugenio. 1976. Perspectivas gerais. In: Naro, Anthony (org.) *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. p. 11-40.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; Mariangela Rios de OLIVEIRA, Mário Eduardo MARTELOTTA (orgs.). 2003. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj: DP&A Editora.
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. 2008. *Pragmática da investigação científica*. São Paulo: Loyola.
- KOERNER, Konrad. 1989. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LYONS, John. 1979. *Introdução à linguística teórica*. [Trad. de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel do orig. inglês de 1968.] São Paulo: Nacional: Universidade de São Paulo.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). 2009. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto.
- MURRAY, Stephen. 1994. *Theory Groups and the Study of Language in North America: a Social History*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- NARO, Anthony Julius. 2003. Prefácio. In: Cunha, Maria Angélica Furtado da; Mariangela Rios de Oliveira, Mário Eduardo Martelotta (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj: DP&A Editora. p. 9-10.
- NEVES, Maria Helena de Moura. 1999. Estudos funcionalistas no Brasil. *DELTA*, v. 15, n. especial, p. 70-104.
- ORLANDI, Eni. 2006. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes.
- PAIS, Cidmar Teodoro e Monica RECTOR (org.). 1979. *Manual de linguística*. Petrópolis: Vozes.
- SANTOS, Irenilde Pereira dos. 1994. Linguística. *Estudos avançados*, v. 8, n. 22, setembro/dezembro, p. 481-486.
- SWIGGERS, Pierre. 1981. The History Writing of Linguistics: a Methodological Note. *General Linguistic* n. 21, v. 1, p. 11-16.
- ZIMAN, John. 1979. *Conhecimento público*. [Trad. de Regina Regis Junqueira do orig. inglês de 1968.] Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP.